

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA: INTERAÇÃO E PRAZER

Regina Maria Gonçalves Mendes
PUC/MINAS

O processo de aprendizagem, mediado pela interação, vai levar à construção de um conhecimento conjunto entre o aluno e o professor ou um colega; e, para que isso ocorra, o processo envolverá dificuldades e sucessos na compreensão, negociação das perspectivas diferentes dos participantes e o controle da interação por parte deles, até que este seja compartilhado.

O trabalho do professor não deve ser ao acaso, tudo o que fizer deve fazer sentido num plano geral, de modo que não se improvise o tempo todo, sem o crescimento consciente. A tarefa do ensino deve ser vista como um processo constante de auto-avaliações refletidas e reavaliações, guiadas por interesses e necessidades dos alunos.

O aluno é um criador ativo, com estilos diversos de aprendizagem e não um mero recipiente passivo. A sua fala e a escrita, nas imperfeições, revelam um processo dinâmico sem o permanente controle do professor.

Isso implica na criação de técnicas criativas que motivem o aluno a aprender língua estrangeira.

Não se buscam hoje métodos acertados, tidos como infalíveis. O que se quer é conhecer quais experiências de ensino de aprendizagem constituem ambientes próprios para o desenvolvimento e aprendizagem da língua.

Conforme o PCN (2001), o método de ensinar uma língua estrangeira se materializa principalmente na sala de aula, mas também se produz nas extensões da sala, vinculadas à experiência de classe. O método torna-se flexível, dependendo da capacidade do professor criar, refletir, buscar inovações e fundamentações em leituras, o que proporcionará melhor desempenho deste e conseqüentemente dos alunos.

KLEIMAN (2001, p. 49) argumenta:

Não é apenas o texto cuja função principal é a de expressar uma opinião que deve ser lido criticamente: toda leitura de qualquer texto, por mais neutro que pareça, está inserida num contexto social que determina as maneiras de escrever e de ler. Por outro lado, haverá textos que, do ponto de vista do ensino, facilitam o trabalho de conscientização lingüística crítica, como os editoriais, que justamente permitem a comparação com relatos mais factuais, utilizando para isso o contraste, que é fundamental para aprender.

De acordo com Jorge (2000, p. 90) a Língua Estrangeira faz parte do currículo da Educação Fundamental como um saber importante para o exercício pleno da cidadania do educando, pois ele vive em um mundo globalizado e precisa ter acesso às informações que necessita para usar uma língua que não é a dele. Por isso, a escola tem a responsabilidade de ensinar idiomas estrangeiros com eficiência.

É fundamental que o professor se veja como agente ativo de socialização capaz de estimular a motivação de aprender no aluno. O clima da sala de aula é importante. Se a experiência em sala proporciona um clima de respeito mútuo, valorização e o sentimento de que todos pertencem àquela comunidade, os alunos tendem a participar mais do processo da aprendizagem. O papel do professor

como agente da socialização tem sofrido relevantes modificações devido à transformação do contexto social, o que causou um aumento substancial das suas responsabilidades. “Cada qual aprende ao longo de toda a vida no seio do espaço social constituído pela comunidade de pertença”. (DELORS, 1996, p. 96).

A construção da motivação é um dos pilares para um bom clima da sala de aula. O professor tem que conhecer como o aluno aprende e usar de estratégias de ensino que lhe dê a sensação de estar conquistando algo importante no ato simples de cumprir tarefas que estão de acordo com a sua zona proximal de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1993, p. 102).

Para Vygotsky (1993, p. 112) existem dois níveis de conhecimento: o real e o potencial. No primeiro o indivíduo é capaz de realizar tarefas com independência, e caracteriza-se pelo desenvolvimento já consolidado.

No segundo, o indivíduo só é capaz de realizar tarefas com a ajuda do outro, o que denota desenvolvimento, porque não é em qualquer etapa da vida que um indivíduo pode resolver problemas com a ajuda de outras pessoas.

Partindo desses dois níveis, Vygotsky define a zona de desenvolvimento proximal como a distância entre o conhecimento real e o potencial; nela estão as funções psicológicas ainda não consolidadas. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

No ensino de Língua Inglesa (LI), o professor deve observar o clima de aula e a freqüente modificação dos métodos pedagógicos e buscar materiais de ensino inovadores, que facilitem ao aluno transpor os desafios ligados à contracultura escolar de que é o de não estudar. Além disso, resolver problemas como os de baixa auto-estima que faz com que muitos alunos sejam omissos no exercício de se esforçar para aprender. (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 25).

Também o professor tem que planejar conteúdos e atividades de LI que sejam significativas para os alunos. Para isto ele precisa usar de estratégias de ensino contextualizadas com as demandas de seus educandos.

O clima da sala de aula está associado ao clima da escola em seu todo. Tanto professor e como alunos não estão isolados do contexto escolar com o qual tem laços culturais e normas de interação. (PAIVA, 2001, p. 26).

Um dos procedimentos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento que o aluno faz do que quer aprender com aquilo que já sabe. Isso quer dizer que um dos processos centrais de construir o conhecimento, é baseado no conhecimento que o aluno já tem: a projeção dos conhecimentos que já possui no conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender. (PCN – Língua Estrangeira: 2001 p.32).

Ao se assumir que o inglês é a língua da globalização, faz-se necessário que as escolas invistam na formação de seus professores de LI porque o inglês se tornou uma das mais importantes ferramentas, de entendimento global.

É inquestionável que a LI é a língua mais importante na atual comunidade internacional. A LI se tornou o meio de comunicação do mundo do mundo de negócios.

Portanto, devido à importância que a LI tem no mundo, as escolas precisam ensinar o inglês com bastante eficiência para que seus aprendizes tenham uma formação que lhes dê habilidades e competências efetivas.

Assim, concorda-se com Piaget (1978), que acredita que o conhecimento não é uma cópia da realidade.

“Conhecer um objeto, conhecer um acontecimento não é simplesmente olhar e fazer uma reprodução mental ou imagem do mesmo”. Para conhecer um objeto, é preciso saber usá-lo com naturalidade. É o estado pragmático que faz o uso, a modificação, a transformação desse objeto de estudo, compreendendo todo esse processo operatório, que é a essência de conhecimento desse objeto, a língua em uso. Entretanto para que isso se concretize, é preciso mudar os rumos da educação: condições de trabalho, valorização da Educação e de seus sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. São Paulo: Pontes, 1998.

JORGE, Miriam. **Ensino de língua estrangeira**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v. 6, n. 31, jan./fev., 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org). **Ensino de Língua Inglesa – Reflexões e Experiências**. São Paulo: Pontes, 2001.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança – imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL/MEC – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira**. Brasília, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Pontes, 1993.

<http://www.teachingchildren.com.br/arquivos/Oensinodeinglesnaescolapublica.pdf>